

# ENSAIOS SOBRE A VIRTUDE & A FELICIDADE SAMUEL JOHNSON

Introdução, selecção,  
tradução do original inglês e notas

**Pedro Galvão**

(Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa)



# Índice

<i>Introdução</i> . . . . .	11
<i>Nota editorial</i> . . . . .	23
<i>Agradecimentos</i> . . . . .	25
Esperança Vã . . . . .	27
Planos de Felicidade Futura. . . . .	33
Tempo Desperdiçado . . . . .	38
O Roubo do Tempo. . . . .	43
A Renovação Anual do Mundo . . . . .	46
Ilusões Juvenis . . . . .	51
Novos e Velhos . . . . .	55
As Grandes Transições do Espírito. . . . .	60
O Perigo da Precocidade . . . . .	65
A Precipitação dos Novos . . . . .	70
As Misérias e os Preconceitos da Velhice . . . . .	75
A Memoração da Morte . . . . .	80
<i>Thrasylbulus</i> , o Submisso . . . . .	85
O Carácter de Sófron, o Prudente. . . . .	90
Da Procrastinação. . . . .	93
As Inconveniências da Precipitação e da Confiança . . . . .	97
A Insensatez da Antecipação de Infortúnios. . . . .	102

Uma Descrição de <i>Suspirius</i> , a Coruja Humana . . . . .	107
O Poder dos Hábitos . . . . .	112
As Múltiplas Artes do Engano de Si Mesmo . . . . .	115
O Conhecimento das Nossas Falhas . . . . .	121
Os Subterfúgios da Culpa . . . . .	127
Os Benefícios da Memória . . . . .	131
A Regulação da Memória . . . . .	137
A Arte da Memória . . . . .	140
A Azáfama da Indolência . . . . .	143
O Preguiçoso Descreve-se . . . . .	146
Tranquilidade e Trabalho . . . . .	149
Do Sono . . . . .	152
A Honra da Profissão . . . . .	155
O Desdém pelo Trabalho . . . . .	159
O Amor ao Dinheiro . . . . .	165
O Desprezo pelos Pobres . . . . .	169
Descrições da Pobreza. . . . .	173
O Efeito do Enriquecimento Súbito nos Hábitos . . . . .	177
Da Opulência. . . . .	182
A Arte de Viver à Custa dos Outros . . . . .	185
A Tolice e o Incómodo do Fingimento . . . . .	190
A Desairosa Galhofa de um Estudioso . . . . .	195
Uma Disquisição sobre o Valor da Fama . . . . .	199
A Arte de Agradar . . . . .	204
As Diversas Espécies de Maldizentes . . . . .	208
Comparação da Influência da Inveja e do Interesse. . . . .	213
A Natureza da Astúcia . . . . .	217
A Insensatez da Ira . . . . .	220
Da Rabugice . . . . .	225
Melindre e Rabugice . . . . .	230
A Grande Regra de Acção . . . . .	235

## ÍNDICE

Do Perdão . . . . .	239
A Dificuldade de Aconselhar sem Ofender . . . . .	244
Os Requisitos da Verdadeira Amizade . . . . .	249
A Incerteza da Amizade . . . . .	254
As Razões da Ineficácia Geral dos Conselhos. . . . .	257
Casamentos Infelizes. . . . .	262
A Infelicidade das Mulheres . . . . .	268
A Crueldade da Tirania dos Pais . . . . .	273
A Felicidade Doméstica . . . . .	278
A Degradação Doméstica . . . . .	283
As Artes da Conversa . . . . .	286
A Diferença entre os Escritos e a Conduta de Um Autor . . . .	290
Ler, Escrever e Conversar . . . . .	296
A Necessidade da Delicadeza . . . . .	302
O Fausto de Uma Imaginação Vã . . . . .	307
A Esperança de Fama Literária . . . . .	312
As Vicissitudes da Fama Literária. . . . .	317
A Brevidade da Fama Literária . . . . .	322
Os Perigos de Uma Vida de Estudo. . . . .	327
Censura da Singularidade . . . . .	332
Das Cartas . . . . .	338
A Melhor Forma de Escrever Biografias . . . . .	343
Polífilo, o Diletante . . . . .	346
Medos Irracionais do Pedantismo . . . . .	352
A Cobardia Intelectual . . . . .	356
A Natureza da Timidez e Como Remediá-la. . . . .	361
A Necessidade da Coragem Literária. . . . .	365
Do Erro . . . . .	370
O Predomínio da Curiosidade . . . . .	376
Do Plágio. . . . .	381
O Dever do Sigilo . . . . .	386

Da Mentira . . . . .	391
Do Exagero . . . . .	396
Da Suspeita . . . . .	399
A Necessidade de Adequar os Castigos aos Crimes. . . . .	404
Expedientes dos Ociosos. . . . .	410
A Forma Adequada de Regular o Desgosto . . . . .	413
A Fatuidade do Estoicismo . . . . .	418
Da Adversidade . . . . .	423
Planos de Retiro . . . . .	428
A Conquista de Nós Mesmos . . . . .	433
Entendidos em Extravagâncias . . . . .	438
Expectativas de Prazer Frustradas . . . . .	441
Os Prazeres e as Vantagens do Esforço. . . . .	443
Opiniões Diferentes com a Mesma Plausibilidade. . . . .	448
O Que Fizeram? . . . . .	453
A Brevidade da Vida. . . . .	456
A Incerteza Universal. . . . .	461
O Descontentamento Universal . . . . .	465
A Revisão da Vida . . . . .	470
As Misérias da Vida . . . . .	474
O Moralista Despede-se . . . . .	479
<i>Um Retrato de Samuel Johnson, por James Boswell.</i> . . . . .	485
<i>Fontes.</i> . . . . .	489
<i>Índice onomástico</i> . . . . .	497
<i>Índice remissivo.</i> . . . . .	501

## Do Sono

Entre as incontáveis humilhações que fazem emboscadas à arrogância humana, podemos muito bem incluir a nossa ignorância dos objectos e dos efeitos mais comuns, sendo este um defeito do qual ficamos mais cientes com cada tentativa de o suprir. Os espíritos mais vulgares e inactivos confundem a familiaridade com o conhecimento e julgam-se plenamente inteirados da natureza das coisas quando lhes mostram a sua forma ou lhes dizem para que servem; mas o teórico, que não se contenta com perspectivas superficiais, atormenta-se com uma curiosidade infecunda e, à medida que vai investigando, descobre apenas saber menos.

O sono é um estado no qual decorre grande parte de qualquer vida. Ainda não se encontrou um animal cuja existência não se altere com intervalos de insensibilidade; e alguns filósofos recentes estenderam o império do sono ao reino vegetal.

E contudo, desta mudança tão frequente, tão grande, tão geral e tão necessária, nenhum indagador descobriu ainda a causa eficiente ou final; tão-pouco se poderá apontar o poder que assim acorrenta o espírito e o corpo a um torpor irresistível, ou dizer que benefícios um animal obtém desta suspensão oscilante dos seus poderes activos.

Seja qual for a multiplicidade ou a oposição das opiniões acerca deste assunto, a natureza tomou precauções suficientes para impedir que a teoria tenha grande influência na prática. O investigador mais diligente será incapaz de conservar os olhos abertos por muito tempo; pela meia-noite, o polemista mais vigoroso começará a recuar na discussão. O alegre e o lúgubre, o espirituoso e o lerdo, o vociferante

e o calado, o atarefado e o ocioso: uma vez a cada vinte e quatro horas, todos eles são vencidos pelo suave tirano e todos se estendem na igualdade do sono.

A fim de reprimir a insolência, a Filosofia declarou amiúde que a morte põe todas as condições ao mesmo nível. Esta é uma perspectiva que, por muito que desanime os felizes, raramente dará grande conforto aos desgraçados. É de longe mais aprazível pensar que, como nivelador, o sono está a par da morte; que nunca está muito longe a altura em que o bálsamo do repouso será vertido do mesmo modo em todas as cabeças, em que as dissemelhanças de vida deixarão de actuar, e os poderosos e os humildes ficarão deitados ao mesmo tempo.

Conta-se algures que Alexandre, orgulhoso das conquistas e inebriado pela bajulação, declarou que só a necessidade de dormir o fazia julgar-se um homem. De facto, tinha aqui uma prova suficiente da fraqueza humana, considerasse ele o sono necessário fosse para o corpo, fosse para o espírito: um corpo que precisava de se restabelecer com tanta frequência não oferecia mais do que ténues esperanças de imortalidade; e um espírito que, periodicamente, se afundava com alegria na insensibilidade não se aproximara muito daquela felicidade de natureza suprema que se basta a si mesma.

Para reprimir todas as paixões que perturbam a paz do mundo, não sei o que poderá ser mais útil do que esta reflexão: não há cume de felicidade ou de honra do qual um homem não desça de bom grado para um estado de repouso inconsciente; na melhor condição da vida, abdicamos com satisfação dos seus benefícios para nos desembaraçarmos dos seus males; numa questão de horas, o esplendor desvanece-se no olhar e o próprio louvor emudece no ouvido; os sentidos apartam-se dos seus objectos e a razão facilita o retiro.

Quais são, então, as esperanças e as perspectivas da cobiça, da ambição e da rapacidade? Cumpram-se todos os desejos daquele que mais deseja. Ele nunca alcançará um estado que, por um dia e uma noite, consiga contemplar com satisfação; se tivesse o poder da vigília perpétua, ansiaria sempre por separações periódicas.

Toda a inveja se extinguiria caso se soubesse universalmente que ninguém é invejável; e certamente não há muito a invejar em quem não estiver contente consigo mesmo. Quando se verifica que, a respeito tanto dos prazeres como das preocupações, todos pactuam na fadiga, e

que os poderosos e os fracos, os famosos e os obscuros, se unem num desejo comum e imploram às mãos da natureza o néctar do oblívio, temos razões para suspeitar de que as distinções entre os seres humanos têm mais lustre do que valor.

O desejo de nos abstrairmos de nós mesmos é de tal ordem que poucos se contentam com a quantidade de entorpecimento que as necessidades do corpo impõem ao espírito. Ao sono, o próprio Alexandre acrescentava a intemperança e alegrava a soberania do mundo com emanações de vinho. E quase todos os homens têm uma arte para fazer fugir os pensamentos da sua condição presente.

A atenção estrita a deveres importantes não ocupa uma grande parte da vida. Em cada dia, permite-se que muitas horas voem sem deixar nenhum traço no intelecto. Consentimos que se ergam ilusões diante de nós, divertimo-nos com a dança de imagens etéreas, que, pouco depois, arredamos para sempre, e ficamos sem saber como estivemos ocupados.

Muitos passam os seus momentos mais felizes solitariamente, entregues à sua própria imaginação, que por vezes lhes põe ceptros nas mãos ou mitras na cabeça, vai alterando os cenários aprazíveis com infundável diversidade, faz todas as formas de beleza faiscarem diante de si, e enfarta-os com todas as variações de fausto quimérico.

Enquanto assim se dormita, é fácil reunir todas as possibilidades de felicidade, alterar o curso do Sol, trazer de volta o passado e antecipar o futuro, unir todas as belezas de todas as estações e todas as bênçãos de todos os climas, dar e receber bem-estar e esquecer que a miséria é o destino do Homem. Tudo isto é um sonho voluntário, uma fuga provisória às realidades da vida rumo a ficções celestes, uma submissão habitual da razão à fantasia.

Outros, tendo medo de estar sós, entretêm-se com uma sucessão perpétua de companhias. Mas a diferença não é grande: na solidão, sonhamos para connosco; acompanhados, concordamos sonhar juntos. Em ambos os casos, o fim em vista é o esquecimento de nós mesmos.



## Da Adversidade

——— *o munera nondum*

*Intellecta Deum!* ———

LUCANO, *Farsália*, V, 528-29.

[——— ó dádivas dos deuses,  
ainda incompreendidas! ———]

A experiência quotidiana evidencia que os infortúnios atingem inelutavelmente a vida humana, que a calamidade não pode ser repelida com a fortitude nem evitada com a fuga, que ela não se deixa intimidar com a grandeza nem fintar pela obscuridade, pelo que os filósofos procuraram reconciliar-nos com esta condição quando não conseguiram ensinar-nos a consertá-la, tentando levar-nos a crer que os nossos males, na sua maior parte, tornam-se aflitivos apenas por ignorância ou perversidade, e que, a cada vicissitude das circunstâncias externas, a natureza juntou alguma vantagem suficiente para contrabalançar todas as suas inconveniências.

Talvez seja razoável suspeitar de que este esforço se assemelha à prática dos médicos que, quando não conseguem mitigar a dor, destroem a sensibilidade e procuram esconder com opiáceos a ineficácia dos seus outros remédios. Os panegiristas da calamidade granjearam mais vezes o aplauso à sua inteligência do que o assentimento aos seus argumentos; e tão-pouco se constatou que a oratória mais melodiosa ou o raciocínio mais subtil conseguissem suplantar a angústia da opressão, o tédio da languidez ou a ânsia da carência.

Ainda assim, como geralmente se pode observar, alguma coisa se conseguiu fazer quando se procurou fazer muito; embora as descobertas ou as aquisições do Homem nem sempre se adequem às expectativas do seu orgulho, pelo menos são suficientes para lhe animar a indústria. Os antídotos que a Filosofia empregou para medicar o vinho da vida, apesar de não poderem torná-lo doce e salubre, pelo menos atenuaram-lhe o sabor amargo e moderaram-lhe a malignidade; o bálsamo que ela verte nas feridas do espírito alivia a dor, ainda que não possa sará-la.

Ao suportarmos sem oposição o sofrimento que não podemos evitar, poupamo-nos a um desassossego vão e imoderado; reservamos para melhores fins a força que teríamos desperdiçado improficuamente em esforços furiosos de desespero, e conservamos a circunspecção que nos permitirá aproveitar qualquer auxílio e reforçar qualquer alívio. Alcançaremos esta calma com maior facilidade à medida que a atenção se desvie resolutamente da contemplação do mal puro e persistente, e se concentre nos benefícios acidentais que a prudência pode conceder a qualquer condição.

Sêneca não se limitou a tentar reconciliar-nos com o infortúnio; quase procurou atrair-nos para ele, representando-o como algo necessário para os prazeres do espírito. «Quem nunca conheceu a adversidade», diz, «viu só um lado do mundo e ignora metade dos panoramas da natureza»<sup>(128)</sup>. Ele convida o seu discípulo para a calamidade, tal como as sereias atraíram o viajante para a sua ilha prometendo-lhe que regressaria *πλείονα εἰδὼς*<sup>(129)</sup>, com um conhecimento maior, vistas mais amplas e ideias multiplicadas.

Nos espíritos largos e generosos, a curiosidade é a primeira e a última paixão; e talvez o seu predomínio seja sempre proporcional à força das faculdades contemplativas. Quem compreende facilmente tudo o que está diante de si, e esgota depressa qualquer assunto circunscrito, está sempre disposto a empreender novas investigações; e o olhar do intelecto, na medida em que adopta uma perspectiva mais ampla, terá de encontrar satisfação na variedade através de voos mais rápidos e de incursões mais ousadas; àqueles que se habituaram aos

<sup>(128)</sup> *Sobre a Providência Divina*, III, 3.

<sup>(129)</sup> *Odisseia*, XII, 188.

prazeres do pensamento, aliás, talvez não se possa propor um estímulo mais poderoso para concretizar um plano do que a esperança de prover a imaginação de novas figuras, resolver dúvidas e esclarecer a razão.

Quando Jasão, em Valério Flaco, procura convencer Acasto, o jovem príncipe, a acompanhá-lo na primeira experiência de navegação, dissipa os seus receios do perigo através de imagens das novas regiões da terra e do céu que a expedição lhes poria diante dos olhos; e refere-lhe o desgosto que ele, ficando para trás, sentirá quando os outros regressarem e ouvir falar dos países que viram e das adversidades que venceram.

*O quantum terrae, quantum cognoscere caeli  
 Permissum est! pelagus quantos aperimus in usus!  
 Nunc forsán grave reris opus; sed laeta recurret  
 Cum ratis et caram cum iam mihi reddet Iolcon,  
 Quis pudor heu nostros tibi tunc audire labores,  
 Quam referam visas tua per suspiria gentes!*  
 VALÉRIO FLACO, *Argonáuticas*, I, 168-73.

[Quantas terras e quantos céus nos consentem  
 conhecer! Quantos proveitos nos traz a exploração do mar!  
 Agora talvez penses que a tarefa é árdua, mas, quando o navio  
 regressar alegremente e me devolver à minha querida Iolcos,  
 oh, que vergonha sentirás então ao saber dos nossos trabalhos!  
 Como irás suspirar quando te falar dos povos que visitámos!]

A curiosidade de Acasto depressa o levou a enfrentar rochedos e tribulações e a confiar a vida aos ventos; e, em todas as épocas, os mesmos motivos tiveram o mesmo efeito naqueles que se distinguiram das categorias inferiores da humanidade pelo desejo de fama ou sabedoria.

Assim sendo, caso se consiga provar que a aflição é necessária para se alcançar o conhecimento, e que uma condição feliz nos esconde uma parte tão grande do campo da reflexão, a inveja de muitos dos que resmungam ao contemplar a opulência e o esplendor enfraquecerá consideravelmente; pois o prazer da superioridade do espírito é tal que ninguém, tendo-o obtido graças ao estudo ou à natureza, compraria as dádivas da riqueza com a sua perda.

Por muito que a retórica de Sêneca tenha adornado a adversidade com floreios extrínsecos, é indubitável que ele a representou correctamente quando lhe atribuiu algumas oportunidades de observação impossíveis de encontrar no êxito contínuo; não se enganou quando disse que escapar ao infortúnio é ficar com falta de instrução, e que viver comodamente é viver na ignorância.

Como nenhum homem pode fruir a felicidade sem pensar que a frui, a experiência da calamidade é necessária para uma justa noção de uma fortuna melhor; pois o bem da nossa condição actual é meramente comparativo, e o mal que qualquer homem sente será suficiente para o perturbar e flagelar, se ele não souber a quanto mal escapa. O brilho dos diamantes acentua-se com a interposição de corpos mais escuros; as áreas luminosas de um quadro são criadas pelas sombras. O maior prazer que a natureza concedeu à percepção sensitiva é o do repouso após a fadiga; ainda assim, esse estado que o trabalho converte em deleite consiste apenas em conforto, sendo incapaz de satisfazer o espírito sem o acrescento de diversões variadas.

A prosperidade, como Sêneca afirmou correctamente, oferece um grande obstáculo ao conhecimento de nós mesmos. Nenhum homem pode chegar a uma avaliação justa dos seus próprios poderes mediante a especulação inactiva. A fortitude que nunca enfrentou perigos, a prudência que nunca superou dificuldades e a integridade que nunca foi atacada por tentações poderão ser vistas, quando muito, como o ouro que ainda não foi submetido a testes, sendo impossível, por isso, determinar o seu verdadeiro valor. «Quem atravessasse as arenas sem encontrar um adversário», diz o filósofo, «poderá receber a recompensa da vitória, mas não aspirar à honra»<sup>(130)</sup>. Se a felicidade suprema do homem consistir em contemplar-se a si mesmo com satisfação, e em receber as congratulações da sua própria consciência, aquele cuja coragem o fez abrir caminho por entre a turbulência da oposição, e cujo vigor lhe permitiu deitar por terra as ciladas da aflição, tem muitas vantagens sobre os que dormiram nas sombras da indolência e que, quando olham para o passado, nada encontram que os entretenha além de um dia a nascer após outro e de um ano a voar após outro.

---

<sup>(130)</sup> *Sobre a Providência Divina*, IV, 2.

Para um exame mais próximo dos costumes, princípios e afectos dos seres humanos, é igualmente necessária alguma variedade na sorte. Os reis, quando querem ter conhecimento das opiniões ou das mágoas dos seus súbditos, consideram necessário roubá-lo a guardas e a criados, bem como misturar-se com o povo em pé de igualdade. Àquele acerca do qual se sabe ter o poder de beneficiar ou prejudicar nada se mostra na sua forma natural. O comportamento dos que se aproximam de si obedece ao seu humor, as histórias que lhe contam adaptam-se à sua inclinação e os raciocínios que lhe apresentam são determinados pelas suas opiniões; tudo o que possa despertar suspeitas ou suscitar o ressentimento é cuidadosamente suprimido, e nada aparece além de uma uniformidade nas perspectivas e de um calor no afecto. Como se pode notar, a deferência constante que as senhoras têm o direito de exigir costuma mantê-las num estado de inexperiência a respeito da natureza humana; a prosperidade, como contará sempre com as prerrogativas femininas, terá de estar constantemente sujeita a cair na ignorância feminina. Quase só se ouve a verdade dos que não têm nenhum interesse em escondê-la.